

JB ONLINE
Colunas
Busca OK

HOME | TEMPO REAL | BRASIL | ECONOMIA | ESPORTES | RIO | INTERNACIONAL | COLUNAS

▼ COLUNAS DE HOJE

▼ OUTRAS SEÇÕES

- Brasil
- Economia
- Rio
- Internacional
- Editorial
- Charge
- Cartas

OPÇÕES ▼
Enviar por e-mail
Versão para imprimir
Tamanho da letra

Faça suas compras em apenas um lugar

SERVIÇOS ▼

- Classificados
- JB On News
- Clube JB
- Pesquisa
- Serviços ao assinante
- Shopping
- Curta Viagem

Informe Econômico

CEZAR FACCIOLI

O day after de FHC

Em conversa com o analista de risco político Murilo Aragão, um dos mais requisitados por bancos estrangeiros, o presidente Fernando Henrique Cardoso mostrou-se de um otimismo cauteloso ao comentar as perspectivas de um eventual governo do PT. Para FHC, a gestão de Lula pode perfeitamente dar certo, desde que mantenha os avanços do atual mandato, como a lei de responsabilidade fiscal e o superávit primário nas contas públicas.

Embora por dever de ofício se recuse a dar a eleição por decidida, FHC saúda a mudança de postura do PT em temas como a reforma tributária e o ajuste da Previdência. Defende que o PSDB fique na oposição, mas sem negar o voto a propostas de interesse do país. Para ele, rejeitar tudo que parta do governo, como acusa ser a postura do PT, não cabe ao PSDB, mais responsável e maduro.

Batalha anunciada

Para conquistar a presidência da Câmara, seja para o PT ou para seus aliados, o partido terá de fazer uma ampla costura política. O lançamento de candidaturas ignorando a praxe de conceder a direção ao partido com mais deputados, adotado repetidas vezes pelo PT, será invocado pelos adversários para negar a primazia a um de seus 91 deputados. O mais provável, para Murilo Aragão, é um acerto com o PMDB. Facilitado pelo fato de que a maioria dos prováveis governadores eleitos pelo partido é da ala que aliou-se a Lula desde o primeiro turno, como Roberto Requião, no Paraná, e Roberto Paulino, na Paraíba. Acerto que, por sua vez, azeitaria a aprovação da independência operacional do Banco Central.

Otimismo siderúrgico

As ações da CSN estiveram ontem entre as que mais subiram no Ibovespa. Para a alta, contribuiu a expectativa de divulgação de excelente resultado no terceiro trimestre. O câmbio em alta quase linear produziu um efeito favorável, em que as importações de matéria-prima eram sempre feitas em uma taxa mais baixa do que as exportações da companhia.

Em menor proporção, pesou também a impressão de que está próximo um acordo com a Vale do Rio Doce para contornar o direito de veto que a mineradora tem, na prática, sobre a venda de minério de Casa de Pedra, base do acerto da CSN com a Corus alinhavado por Benjamin Steinbruch.

Contagem regressiva

O temor de que com o novo governo o BNDES torne-se mais rigoroso no que diz respeito à sua participação na Telemar estaria levando, segundo analistas do setor, a operadora a correr contra o tempo para aprovação da compra da Pegasus. A expectativa do mercado é de que o negócio seja fechado até o final deste ano.

Moeda de troca

Depois dos rumores de que Lula entregaria o comando da Petrobras ao ex-governador do Rio, Anthony Garotinho, em troca de apoio, especula-se que a Petrobras beneficiaria o estado do Rio de Janeiro em novos projetos. Entre eles, estaria a construção de uma refinaria no Norte Fluminense.

De volta à estaca zero

A energia elétrica é um dos setores que imporá enormes desafios logo de cara ao futuro governo. As regras atuais elevaram a tarifa no mercado livre a R\$ 680 o megawatt/hora no período de escassez, e rebaixaram-na a R\$ 4 agora que o regime de chuvas normalizou-se e o consumo cedeu. Num caso, obrigou-se o

racionamento. No outro, desestimulou-se os investimentos.

A esta altura, é certa a adoção de um mecanismo de equalização de tarifas, para evitar oscilações excessivas. Os investimentos em termelétricas, complementares à geração hidrelétrica, provavelmente serão liderados pelas estatais, como Furnas, que podem diluir os custos por ativos já amortizados e lucrarem mesmo com menores tarifas médias.

O comando da maior geradora do Sudeste tenderá a ser entregue a Minas Gerais, a um nome que conte com a aprovação do governador Itamar Franco e, se possível, de seu sucessor eleito, o deputado federal tucano Aécio Neves. Se depender só de Itamar, o escolhido será Djalma Moraes, da Cemig.

Com Carla Falcão

faccioli@jb.com.br

[23/OUT/2002]

Home > colunas > informe_economico

AFRONTIDADES: BRASIL - ECONOMIA - ESPORTES - RIO - INTERNACIONAL - INTERNET
CULTURA E LAZER: CADERNO B - PROGRAMA - DOMINGO - MUSICALIDADE - VIAGEM - IDÉIAS
CRÍTICA: OPINIÃO - EDITORIAL - CHANGE - CARTAS - COLUNAS

JORNAL DO BRASIL